ISSN: 2358-8829

HISTÓRIA DA MATEMÁTICA NO ENSINO DE CONJUNTOS NUMÉRICOS: UMA ESTRATÉGIA DE SUPLEMENTAÇÃO CURRICULAR PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Leandro Sales Almeida de Oliveira[1]
Jarleyde Andressa Santos Sales de Oliveira[2]

INTRODUÇÃO

No Ensino Médio, o estudo dos conjuntos numéricos frequentemente se concentra na apresentação de definições, classificações e relações de inclusão. Embora esses conhecimentos sejam necessários, uma abordagem restrita à memorização pode ocultar as questões que ajudaram a constituir o próprio conceito de número. Por que nem toda subtração é possível nos naturais? Como representar medidas que não são expressas por frações? De que maneira uma equação com soluções reais pode exigir, durante sua resolução, operações com raízes de números negativos? Essas perguntas oferecem oportunidades para compreender a Matemática como um conhecimento construído historicamente, e não como um conjunto de regras prontas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) valoriza a investigação, a resolução de problemas, a argumentação e o trânsito entre diferentes representações no ensino de Matemática (Brasil, 2018). Tal orientação reforça a pertinência de práticas que convidem os estudantes a examinar os fundamentos dos conceitos e a reconhecer a Matemática como uma atividade humana. Nesse contexto, a História da Matemática oferece mais do que informações sobre personagens e datas: seus episódios podem constituir situações de investigação nas quais hipóteses, impasses e transformações conceituais se tornam objetos de aprendizagem.

Essa possibilidade adquire importância particular para estudantes com altas habilidades/superdotação (AH/SD), que integram o público da Educação Especial e podem demandar experiências de aprofundamento compatíveis com interesses, conhecimentos prévios e potencialidades. Isso não significa supor que todos apresentem as mesmas características ou alto desempenho em todas as áreas. Significa reconhecer que a escolarização precisa abrir

1Professor efetivo de Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), Campus Belo Jardim. Mestre em Matemática pelo PROFMAT/UFPB. E-mail: sales.leo@gmail.com.

2 Mestra em Direito e Desenvolvimento Sustentável pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ); mestranda em Formação de Professores pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); licenciada em Matemática pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); bacharela em Direito pelo UNIPÊ; professora do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), jarleyde17@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

espaço para perguntas mais complexas, pesquisas, demonstrações e produções autorais quando essas experiências forem pertinentes às necessidades educacionais identificadas. O Decreto nº 12.686/2025, com as alterações posteriores, reafirma a natureza suplementar do Atendimento Educacional Especializado (AEE) para esse público (Brasil, 2025).

No ensino de conjuntos numéricos, episódios como a incomensurabilidade da diagonal de um quadrado, as controvérsias relacionadas aos números negativos e a construção dos números complexos podem originar atividades matematicamente exigentes. A história dos imaginários é especialmente expressiva: os problemas algébricos estudados por Cardano e Bombelli mostram que a ampliação de um sistema numérico não se resume à criação arbitrária de símbolos, mas envolve a busca por coerência diante de novos problemas (Cerri; Monteiro, 2001; Oliveira, 2015, 2026).

Diante disso, pergunta-se: de que maneira a História da Matemática pode contribuir para a suplementação curricular no ensino de conjuntos numéricos, favorecendo o aprofundamento conceitual e o pensamento investigativo de estudantes do Ensino Médio com AH/SD? O objetivo geral consiste em analisar essas possibilidades. Especificamente, busca-se discutir a contribuição da abordagem histórica para a aprendizagem, examinar fundamentos do enriquecimento curricular, selecionar episódios da construção dos sistemas numéricos e organizar possibilidades de investigação matemática a partir deles.

Para responder à questão, realizou-se uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, articulando referenciais de Educação Matemática, História da Matemática e Educação Especial, além de documentos educacionais. Como resultado analítico, apresenta-se uma matriz de possibilidades de suplementação curricular. Defende-se que a História da Matemática pode favorecer oportunidades de aprofundamento quando os episódios selecionados são transformados em problemas investigáveis, sem que isso autorize, por si só, afirmações de eficácia não testadas empiricamente.

METODOLOGIA

A investigação assume abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, com análise interpretativa de obras acadêmicas, documentos normativos e produções didáticas pertinentes ao tema. Trata-se de revisão narrativa, e não de revisão sistemática ou de levantamento bibliométrico exaustivo. A seleção das fontes foi orientada pela relação entre a abordagem histórica dos conceitos matemáticos, a construção dos sistemas numéricos e as possibilidades de suplementação curricular para estudantes com AH/SD.

ISSN: 2358-8829

No campo da História da Matemática e da Educação Matemática, foram examinadas as contribuições de Miguel e Miorim (2011) e Mendes (2013). Para a história dos números complexos, foram considerados Cerri e Monteiro (2001), bem como a dissertação de Oliveira (2015) e sua reelaboração em obra de divulgação matemática com propostas didáticas (Oliveira, 2026). Sobre enriquecimento curricular, utilizou-se Renzulli (2014); para a discussão de acessibilidade e diversificação das experiências de aprendizagem, as diretrizes do CAST (2024). A BNCC e o Decreto nº 12.686/2025, em sua redação atualizada, subsidiaram a contextualização curricular e normativa.

A leitura das fontes foi organizada em três eixos: a ampliação histórica dos sistemas numéricos como problema conceitual; as características do enriquecimento e da suplementação curricular; e a conversão de episódios históricos em atividades que envolvam investigação, argumentação e produção de conhecimentos. A análise desses eixos fundamentou a elaboração de uma matriz que associa conteúdos, perguntas orientadoras e possibilidades de aprofundamento.

Produções narrativas autorais, entre elas quadrinhos voltados ao ensino de Matemática e o livro de Oliveira (2026), foram consideradas como exemplos de formas de apresentação do conhecimento e não como evidências de resultados de uma intervenção. Não houve coleta de dados com estudantes, aplicação de questionários, entrevistas ou medição de aprendizagem. Portanto, os resultados correspondem à análise bibliográfica e à proposta pedagógica dela derivada; não representam comprovação empírica de efeitos sobre engajamento ou desempenho.

REFERENCIAL TEÓRICO

História da Matemática: da informação histórica à investigação

A organização escolar dos conhecimentos matemáticos tende a privilegiar o produto final de processos longos de construção conceitual. Nessa apresentação, a definição aparece antes da pergunta, e a propriedade, antes da necessidade que lhe conferiu sentido. A História da Matemática permite problematizar essa inversão, mostrando que conceitos, representações e argumentos foram formulados em contextos distintos, muitas vezes atravessados por controvérsias e reformulações.

Miguel e Miorim (2011) discutem relações entre história e Educação Matemática e ajudam a compreender que inserir episódios históricos no currículo requer intencionalidade pedagógica. A simples menção a nomes e datas não garante aprofundamento: é necessário estabelecer uma conexão entre o episódio selecionado e o problema matemático que os

ISSN: 2358-8829

estudantes efetivamente investigarão. Nessa direção, Mendes (2013) caracteriza a investigação histórica como possibilidade de reorganização conceitual e didática, colocando o processo de construção do conhecimento no centro da aprendizagem.

A distinção é decisiva para o ensino de conjuntos numéricos. Memorizar que todo racional é real não equivale a compreender por que existem números reais que não são racionais. Saber que $i^2 = -1$ não significa entender os problemas algébricos que contribuíram para o reconhecimento dos números complexos. Quando o episódio histórico se converte em questão investigativa, os estudantes podem comparar argumentos, reconhecer limites de sistemas conhecidos e elaborar novas relações, mobilizando competências presentes na BNCC (Brasil, 2018).

Conjuntos numéricos: ampliações e rupturas conceituais

A sequência de inclusões $\mathbb{N} \subset \mathbb{Z} \subset \mathbb{Q} \subset \mathbb{R} \subset \mathbb{C}$ constitui uma organização matemática útil, mas não descreve uma cronologia simples de descobertas. Diferentes culturas desenvolveram representações de números e operações em momentos e contextos próprios. Por isso, tratar a ampliação dos conjuntos como sequência pedagógica exige evitar a impressão de que a Matemática avançou de maneira linear e inevitável.

Os naturais respondem a numerosas situações de contagem, mas não constituem um conjunto fechado para a subtração. Os inteiros permitem tratar resultados negativos; os racionais ampliam possibilidades de expressar quocientes e medidas; e a investigação de grandezas incomensuráveis evidencia a existência de números que não podem ser escritos como razão de inteiros. A diagonal de um quadrado de lado unitário, cuja medida é $\sqrt{2}$, apresenta um ponto de partida fecundo para discutir limites de representação e demonstração matemática.

A passagem dos reais aos complexos fornece outro problema histórico significativo. Cerri e Monteiro (2001) destacam que a história dos complexos se relaciona profundamente às equações cúbicas, e não apenas às equações quadráticas com discriminante negativo. Oliveira (2015) reconstrói esse percurso, examinando a aceitação gradual dos números imaginários e a consolidação de suas operações. A discussão é retomada em Oliveira (2026), em narrativa que aproxima a História da Álgebra de questionamentos destinados à sala de aula.

As extensões posteriores, como os quatérnios de Hamilton, também tornam visível a possibilidade de uma estrutura algébrica abandonar propriedades familiares. Nos quatérnios, a multiplicação não é comutativa: em geral, a ordem dos fatores importa. Esse episódio pode funcionar como aprofundamento opcional para estudantes interessados em investigar a relação

ISSN: 2358-8829

entre operações e estruturas, sem exigir que a turma inteira estude formalmente álgebras hipercomplexas.

Altas habilidades/superdotação e enriquecimento curricular

Os estudantes com AH/SD podem apresentar potencialidades diversas, envolvendo criatividade, envolvimento com tarefas, interesses específicos e habilidades destacadas em determinados campos. A identificação dessas características não autoriza presumir domínio de todos os conteúdos, ausência de dificuldades ou necessidade uniforme de aceleração. A organização das oportunidades educacionais requer atenção ao perfil e à trajetória de cada estudante.

O Decreto nº 12.686/2025 define o AEE como atividade pedagógica de caráter suplementar à escolarização de estudantes com AH/SD e reafirma a articulação entre a Educação Especial e a escolarização comum (Brasil, 2025). A suplementação não deve ser confundida com a oferta indiscriminada de exercícios adicionais. Ela pode envolver situações intelectualmente desafiadoras que ampliem possibilidades de pesquisa, criação e aprofundamento.

O Modelo de Enriquecimento para toda a Escola, apresentado por Renzulli (2014), destaca experiências exploratórias, desenvolvimento de habilidades de investigação e oportunidades de produção em torno dos interesses dos estudantes. No ensino de Matemática, essa perspectiva permite avançar além do treino algorítmico, propondo demonstrações, generalizações, comparações entre estruturas e elaboração de problemas. A História da Matemática pode fornecer problemas de partida para tais experiências, desde que o aprofundamento seja planejado em função dos conhecimentos prévios e dos objetivos educacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos referenciais permitiu organizar os resultados em três categorias: (a) o potencial de episódios históricos para aprofundar conceitos; (b) a sistematização de situações investigativas de suplementação curricular; e (c) a contribuição de recursos narrativos e diferentes representações para ampliar as formas de participação e produção matemática. Essas categorias são resultados de interpretação bibliográfica e não de experimentação em sala de aula.

ISSN: 2358-8829

Episódios históricos como problemas para aprofundar conceitos

A primeira categoria evidencia que a contribuição da História da Matemática depende da pergunta que o episódio torna possível formular. No caso dos números naturais, a operação $3 - 7$ pode iniciar uma investigação sobre a insuficiência dos naturais para determinadas subtrações e sobre as propriedades que passam a ser consideradas ao trabalhar com os inteiros. O foco do aprofundamento deixa de ser apenas descobrir o resultado e passa a examinar por que a operação exige um universo numérico mais amplo.

No estudo dos irracionais, a diagonal de um quadrado unitário conduz à questão de saber se $\sqrt{2}$ pode ser expresso como uma fração de inteiros. Uma demonstração por contradição oferece oportunidade de integrar paridade, divisibilidade e argumentação: suponha-se $\sqrt{2} = a/b$, com a e b inteiros positivos e a fração irredutível. Então $a^2 = 2b^2$, de modo que a é par. Escrevendo $a = 2k$, obtém-se $b^2 = 2k^2$, portanto b também é par, contradizendo a hipótese inicial. A atividade permite discutir não somente a classificação de $\sqrt{2}$, mas o sentido de provar uma impossibilidade.

A história dos números imaginários oferece uma investigação ainda mais surpreendente. Considere-se a equação $x^3 - 15x - 4 = 0$, que admite $x = 4$ como uma de suas raízes reais. A fórmula associada à resolução de equações cúbicas pode produzir uma soma de raízes cúbicas das expressões $2 + \sqrt{(-121)}$ e $2 - \sqrt{(-121)}$. Utilizando $i^2 = -1$ e escolhendo raízes cúbicas adequadas, observa-se que $(2 + i)^3 = 2 + 11i$ e $(2 - i)^3 = 2 - 11i$. Assim, a soma $(2 + i) + (2 - i)$ devolve a solução real $x = 4$. O problema permite perguntar como quantidades não reais aparecem em um procedimento que conduz a uma resposta real (Cerri; Monteiro, 2001; Oliveira, 2015).

O interesse investigativo desse exemplo não está em exigir que todos os estudantes dominem a fórmula das equações cúbicas. A atividade pode explorar, em níveis distintos, a verificação da raiz, a fatoração do polinômio, as operações com números complexos e o significado histórico do impasse. Para um aprofundamento adicional, pode-se analisar a fatoração $(x - 4)(x^2 + 4x + 1)$, que revela as outras duas raízes reais, $-2 + \sqrt{3}$ e $-2 - \sqrt{3}$. Assim, o estudante percebe que os números complexos surgem nas etapas de determinado método, embora as três soluções dessa equação sejam reais.

Essas situações ilustram uma característica recorrente: a ampliação conceitual pode nascer de um limite matemático previamente reconhecido. O estudante não recebe apenas uma estrutura pronta, mas acompanha parte da necessidade de construí-la, comparar suas propriedades e justificar seu uso.

ISSN: 2358-8829

Matriz de possibilidades de suplementação curricular

A segunda categoria consistiu na sistematização de possibilidades pedagógicas resultantes da articulação entre os referenciais históricos e o enriquecimento curricular. O Quadro 1 apresenta uma síntese de conteúdos, perguntas orientadoras e caminhos de aprofundamento. A matriz não pretende prescrever uma sequência única; sua utilização depende dos conhecimentos prévios, interesses e necessidades educacionais identificados.

Quadro 1. Possibilidades de suplementação curricular no ensino de conjuntos numéricos

Conteúdo	Problema investigativo	Possibilidade de aprofundamento
Naturais e inteiros	Por que 3 - 7 não tem resultado nos naturais?	Investigar fechamento de operações, números negativos e propriedades preservadas.
Inteiros e racionais	Como representar quocientes e medidas não expressáveis por inteiros?	Examinar razões, equivalência de frações e extensão das operações.
Racionais e irracionais	Por que a diagonal de um quadrado unitário não é uma fração?	Demonstrar a irracionalidade de $\sqrt{2}$ e discutir o argumento por contradição.
Reais e complexos	Como surgem números imaginários ao resolver certas equações cúbicas?	Analisar o problema de Cardano e Bombelli e relacionar álgebra e história.
Números complexos	Como representar geometricamente a multiplicação por i?	Investigar plano complexo, rotações, potências e periodicidade.
Extensões dos complexos	Toda multiplicação precisa ser comutativa?	Explorar intuitivamente os quatérnios como aprofundamento opcional.

Fonte: elaboração dos autores (2026), com base em Miguel e Miorim (2011), Mendes (2013), Renzulli (2014) e Oliveira (2015; 2026).

A matriz destaca que a suplementação pode ocorrer no interior de um conteúdo curricular, sem depender exclusivamente da antecipação de temas de séries posteriores. Uma turma pode investigar a classificação de números irracionais, enquanto estudantes com interesse e conhecimentos adequados aprofundam a discussão por meio de demonstrações, contraexemplos e comparações entre argumentos. De modo semelhante, o estudo introdutório de complexos pode dar origem à análise de sua representação geométrica e, para alguns estudantes, à investigação de propriedades de estruturas mais amplas.

Essa perspectiva dialoga com Renzulli (2014) ao permitir experiências exploratórias, desenvolvimento de habilidades e produções autônomas. O enriquecimento não é determinado somente pela dificuldade de uma conta: envolve a qualidade do problema proposto, o espaço para formular hipóteses e o nível de elaboração intelectual solicitado. Também exige

ISSN: 2358-8829

acompanhamento pedagógico, evitando transformar o aprofundamento em tarefa adicional desvinculada de um objetivo formativo.

Narrativas, quadrinhos e produção de conhecimentos

A terceira categoria refere-se à contribuição de linguagens e recursos didáticos diversificados. O uso pedagógico da História da Matemática não precisa ficar restrito à exposição de fatos. Narrativas, linhas do tempo, esquemas, histórias em quadrinhos e problemas contextualizados podem tornar os episódios históricos acessíveis e, ao mesmo tempo, conservar sua potência investigativa. Silva Neto, Mendes e Silva (2020) identificam produções que articulam histórias em quadrinhos e História da Matemática, apontando possibilidades de desenvolvimento de propostas didáticas.

Nessa direção, materiais autorais com os personagens Nara e Log, desenvolvidos para explorar conteúdos como progressões e logaritmos, ilustram uma opção de transposição didática pela narrativa. Não se trata de apresentá-los como comprovação de eficácia em AH/SD ou como materiais originalmente elaborados para o ensino de conjuntos numéricos. Sua contribuição para este estudo reside na forma de organizar uma situação matemática por personagens, problemas, perguntas e representações visuais, procedimento que pode inspirar produções específicas sobre conjuntos numéricos.

Uma proposta de aprofundamento seria convidar os estudantes a pesquisar um episódio histórico, verificar a correção dos argumentos matemáticos e produzir uma narrativa curta que preserve o problema central. No caso dos complexos, os personagens poderiam investigar por que uma equação com raízes reais conduz a expressões intermediárias não reais. A avaliação contemplaria a fidelidade histórica, a coerência conceitual, a clareza das representações e a qualidade da questão matemática elaborada, em vez de privilegiar apenas o aspecto estético do produto.

O livro *Os números que não deveriam existir* (Oliveira, 2026) oferece outro exemplo de narrativa histórica associada a perguntas e atividades didáticas. Sua apresentação do percurso dos imaginários aos hipercomplexos pode subsidiar a escolha de episódios adequados a diferentes níveis de aprofundamento. O uso de uma obra autoral como fonte, porém, não substitui a confrontação com referências acadêmicas independentes, como Cerri e Monteiro (2001), nem comprova resultados de aprendizagem.

As diretrizes do Desenho Universal para a Aprendizagem (CAST, 2024) também contribuem para essa discussão ao considerar múltiplas formas de engajamento, representação e ação e expressão. A diversificação das linguagens favorece oportunidades de acesso aos

ISSN: 2358-8829

conceitos; já a suplementação curricular diz respeito ao aprofundamento planejado para atender necessidades específicas de estudantes com AH/SD. Essas dimensões podem dialogar, mas não são equivalentes.

Uma situação investigativa pode ser compartilhada por toda a turma, com representações algébricas, geométricas e narrativas, enquanto determinados estudantes desenvolvem demonstrações, comparam estruturas ou produzem materiais de divulgação matemática. O acesso comum ao problema não elimina a necessidade de acompanhamento individualizado quando necessário. Ao contrário, permite articular participação coletiva e aprofundamentos pertinentes, sem separar artificialmente os estudantes por diagnósticos ou presumir interesses iguais.

Em conjunto, as três categorias indicam que a História da Matemática possui potencial para a suplementação curricular quando conectada a problemas rigorosos e a oportunidades reais de investigação. Trata-se, entretanto, de uma conclusão analítica: a pesquisa não mensurou engajamento, autonomia ou desempenho discente. Avaliar esses efeitos requer estudos empíricos, com procedimentos e critérios definidos para cada contexto educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo analisou possibilidades de utilização da História da Matemática como estratégia de suplementação curricular no ensino de conjuntos numéricos para estudantes do Ensino Médio com altas habilidades/superdotação. A revisão bibliográfica permitiu identificar que episódios de ampliação dos sistemas numéricos, quando convertidos em problemas investigáveis, podem subsidiar experiências de aprofundamento conceitual, argumentação e produção matemática.

A trajetória dos números irracionais e complexos mostrou-se especialmente fecunda por permitir discutir os limites de sistemas conhecidos e as razões pelas quais determinados conhecimentos foram ampliados. A construção da matriz de possibilidades de suplementação constitui a principal contribuição propositiva do estudo, ao associar conteúdos escolares a perguntas matemáticas e caminhos de aprofundamento. O recurso à História da Matemática, nessa perspectiva, vai além da inserção de curiosidades: aproxima os estudantes das questões que movimentaram a produção do conhecimento.

A análise também apontou possibilidades de articulação entre investigação histórica, narrativas matemáticas e diferentes formas de representação. Histórias em quadrinhos e materiais autorais podem contribuir para a organização de propostas pedagógicas, desde que mantenham rigor conceitual e não sejam tratados, sem avaliação, como garantia de

aprendizagem. O diálogo com o Desenho Universal para a Aprendizagem amplia a reflexão sobre acesso e participação, enquanto a suplementação curricular responde à necessidade de aprofundamentos planejados segundo interesses e potencialidades dos estudantes.

Por sua natureza bibliográfica, a pesquisa não permite atribuir às propostas efeitos comprovados sobre o desempenho ou a autonomia dos estudantes. Recomenda-se, como continuidade, a elaboração e avaliação de sequências investigativas em contextos reais de ensino, com acompanhamento pedagógico e análise das produções discentes. Conclui-se que a História da Matemática pode oferecer fundamentos e situações-problema para uma suplementação curricular que compreenda o aprofundamento não como mais exercícios, mas como a oportunidade de investigar por que os conceitos existem, como foram construídos e até onde podem ser ampliados.

Palavras-chave: História da Matemática, Altas habilidades/superdotação, Suplementação curricular, Ensino Médio, Conjuntos numéricos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 9 nov. 2026.

BRASIL. **Decreto nº 12.686, de 20 de outubro de 2025.** Institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva. Brasília, DF: Presidência da República, 2025. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2025/decreto-12686-20-outubro-2025-798166-normaatualizada-pe.html. Acesso em: 9 nov. 2026.

CAST. **CAST Universal Design for Learning Guidelines:** version 3.0. Wakefield: CAST, 2024. Disponível em: https://udlguidelines.cast.org/. Acesso em: 9 nov. 2026.

CERRI, Cristina; MONTEIRO, Martha S. **História dos números complexos.** São Paulo: Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo, 2001. Disponível em: https://www.ime.usp.br/~martha/caem/complexos.pdf. Acesso em: 9 nov. 2026.

MENDES, Iran Abreu**. História no ensino da Matemática:** trajetórias de uma epistemologia didática. *REMATEC*, Belém, v. 8, n. 12, p. 66-85, 2013. Disponível em: https://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/357. Acesso em: 9 nov. 2026.

MIGUEL, Antonio; MIORIM, Maria Ângela. **História na educação matemática:** propostas e desafios. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

OLIVEIRA, Leandro Sales Almeida de. **Evolução das ideias sobre números imaginários.** 2015. 51 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9340/2/arquivototal.pdf. Acesso em: 9 nov. 2026.

ISSN: 2358-8829

OLIVEIRA, Leandro Sales Almeida de. **Os números que não deveriam existir:** de Cardano aos hipercomplexos, uma viagem pela história dos números imaginários. Belo Jardim, PE: edição independente, 2026.

RENZULLI, Joseph. **Modelo de enriquecimento para toda a escola:** um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 27, n. 50, p. 539-562, 2014. DOI: https://doi.org/10.5902/1984686X14676.

SILVA NETO, Benjamim Cardoso da; MENDES, Iran Abreu; SILVA, **Luiza Pereira da. História em quadrinhos nas pesquisas sobre História para o ensino de Matemática** (1990-2018). REAMEC: Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática, Cuiabá, v. 7, n. 3, p. 206-218, 2020. DOI: https://doi.org/10.26571/reamec.v7i3.9330.